
MUSEU DE ESCULTURA

AO AR LIVRE: ESPAÇO

DE MEMÓRIAS E SENSIBILIDADES

URBANAS EM GOIÂNIA*

Rafael Caique da Silva Santos Arantes

Resumo: o presente artigo pretende abordar algumas reflexões sobre a relação entre as representações escultóricas, o imaginário e as sensibilidades urbanas da paisagem da Praça Universitária em Goiânia, a partir de análises dos objetos escultóricos instalados no projeto Museu de Escultura ao Ar Livre e de alguns depoimentos dos frequentadores do local. No âmbito desta pesquisa, foi possível identificarmos que as representações escultóricas do interior da Praça possuem formatos figurativos e abstratos: deuses mitológicos, animais, objetos geométricos, feições futurísticas, e formas femininas. Estas representações expressam conteúdos de caráter artístico e lúdico, não estando associadas diretamente a uma memória política. Com a implantação do projeto Museu de Escultura ao Ar Livre no ano de 2000, observa-se que a paisagem que constitui a Praça Universitária é revalorizada, atribuindo-se ao espaço novas formas de uso e experiências sensoriais e cognitivas dos sujeitos que frequentam o local.

Palavras-chave: Museu de Escultura ao Ar Livre. Praça Universitária. Sensibilidades Urbanas.

OUTDOORS MUSEUM OF SCULPTURE: SPACE OF MEMORIES AND URBAN SENSITIVITIES IN GOIÂNIA

Abstract: this article intends to approach some reflections on the relationship between the sculptural representations, the imaginary and the urban sensibilities of the landscape of the University Square in Goiânia, based on analyzes of the sculptural objects installed in the Outdoor Museum of Sculpture project and some testimonies of the People. In the scope of this research, it was possible to identify that the sculptural representations of the interior of the Square have figurative and abstract forms: mythological gods, animals, geometric objects, futuristic features, and feminine forms. These representations express artistic and playful

content and are not directly associated with a political memory. With the implementation of the Open-air Sculpture Museum project in the year 2000, it is observed that the landscape that constitutes the University Square is revalorized, attributing to the space new forms of use and sensorial and cognitive experiences of the subjects that attend the place.

Keywords: *Outdoors Museum of Sculpture. University Square. Urban Sensitivities.*

MUSEO DE ESCULTURA AL AIRE LIBRE: ESPACIO DE MEMORIA Y SENSIBILIDADES URBANA EN GOIÂNIA

Resumen: este artículo tiene como objetivo abordar algunas reflexiones sobre la relación entre las representaciones escultóricas, el paisaje imaginario y la sensibilidad urbana de Plaza de la Universidad en Goiânia, a partir de análisis de objetos escultóricos instalados en el proyecto de Museo de Escultura al Aire Libre y algunos testimonios de los asistentes al sitio. Dentro de esta investigación, fue posible identificar las representaciones escultóricas de la plaza interior tienen formas figurativas y abstractas: dioses mitológicos, animales, objetos geométricos, características futuristas, y formas femeninas. Estas representaciones expresan la naturaleza artística y lúdica de contenido, no está unido directamente a una memoria política. Con la ejecución del proyecto de Museo de Escultura al Aire Libre en el año 2000, se observa que el panorama de la plaza de la Universidad se revaloriza, la asignación de espacio para nuevas formas y el uso y las experiencias sensoriales y cognitivos de las personas que frecuentan el lugar.

Palabras-clave: *Museo de Esculturas al Aire Libre. Plaza de la Universidad. Sensibilidades Urbana.*

Ao propormos um estudo sobre as representações escultóricas da Praça Universitária e o vínculo com a memória e as sensibilidades urbanas, objetivamos uma tentativa de compreender quais são as interpretações conferidas para estas representações pelos sujeitos e os sentidos e significados que os atores sociais atribuem ao espaço da Praça.

Nesse sentido, com o intuito de compreendermos a relação entre a produção do espaço urbano, o que implica numa memória urbana, e os sujeitos no contexto da modernidade, a cidade tornou-se a principal referência para a realização dessa análise, e os monumentos escultóricos da Praça Universitária nos serviram como suportes para a compreensão do imaginário urbano. Partindo desse pressuposto, emergiram os seguintes questionamentos: qual é a importância da monumentalidade da Praça Universitária? E quais sensibilidades emergem da experiência dos sujeitos com essas representações?

Em primeiro lugar, consideramos que as relações estabelecidas entre os sujeitos e o espaço urbano eternizam-se na paisagem através das lembranças e constituem a memória das cidades. Nessa perspectiva, Abreu (1998) afirma que: “A cidade é uma das aderências que ligam indivíduos, famílias e grupos sociais entre si. Uma dessas resistências que não permitem que suas memórias fiquem perdidas no tempo, que lhes dão ancoragem no espaço” (ABREU, 1998, p. 14).

Apoiamo-nos também na premissa de que na atualidade a cidade passa a ser considerada a principal referência dos sujeitos, lócus e centro das relações sociais e resultado de um processo contínuo de construção e desconstrução material:

A cidade de hoje, é o resultado cumulativo de todas as outras cidades de antes, transformadas, destruídas, reconstruídas, enfim, produzidas pelas transformações sociais ocorridas através dos tempos, engendradas pelas relações que promovem estas transformações (SPOSITO, 2008, p. 11).

Ao analisarmos a Praça Universitária no espaço urbano da cidade de Goiânia, percebemos que estamos tratando de um local com diversas especificidades dentro da cidade. Além da sua morfologia e as diferentes formas de uso, a Praça também possui um museu de esculturas ao ar livre com várias representações escultóricas e intervenções artísticas dispostas ao longo do sua paisagem, com formas e conteúdos abstratos e figurativos.

Durante o processo de elaboração desse trabalho foram empreendidas algumas observações em campo, o que compreendeu um período de dois meses¹. O principal objetivo dessas observações foi o de identificar a dinâmica do cotidiano e a materialidade simbólica através das principais representações escultóricas instaladas na Praça Universitária. Foram também realizadas entrevistas individualizadas e com grupos de alguns frequentadores da Praça no intuito de compreender a percepção destes sujeitos com o espaço e os monumentos ali instalados. Ao seguirmos essas orientações metodológicas, procuramos alcançar a finalidade dessa investigação: entender, no campo do imaginário urbano quais são os símbolos ligados às representações da Praça Universitária que dão sentido aos monumentos escultóricos.

PRODUÇÃO, USO E APROPRIAÇÃO DAS PRAÇAS URBANAS

O espaço de uma praça nas cidades tem se constituído ao longo do tempo como um lugar de acesso democrático, pois, permite a apropriação por diversos grupos sociais e possibilita a manutenção da vida social. Na contemporaneidade, é possível notarmos um surgimento expressivo de praças pelo espaço urbano que, em sua maioria, são construídas com o intuito de revitalização de algumas áreas urbanas, valorização fundiária ou também como uma oferta de lazer aos bairros residenciais. Embora seja feita uma análise pela Geografia Urbana (a partir de uma reflexão crítica) sobre a especulação imobiliária e do capital como fatores de construções de praças e parques, este estudo se propõe a analisar o surgimento da praça sob a perspectiva das representações do espaço urbano.

Além de proporcionar o encontro dos sujeitos na cidade, a praça também é entendida como um marco referencial, pois seu surgimento está associado a um contexto social, político e econômico e também ao próprio processo de expansão urbana:

Como elemento urbano, as praças representam espaços de sociabilidade propícios ao encontro e ao convívio. Na cultura ocidental, esses espaços têm desenvolvido papel essencial. Toda a cidade possui uma praça que se destaca como símbolo urbano, palco de eventos históricos, espaços agregados, ou local de confluência. As praças são espaços permanentes no desenvolvimento das cidades. Sua função e morfologia, porém, estão atreladas aos processos de formação política, social e econômica próprios da gênese urbana (ZUCKER *apud* CALDEIRA, 2007, p. 14).

Nesse sentido, as praças representam os espaços públicos de uso coletivo, possibilitando aos sujeitos uma identificação com esses lugares. Os sujeitos podem se apropriar de uma praça atribuindo a ela diferentes funções: apenas como um local de passagem, como um espaço para o descanso ou o lazer, como um local para a prática de exercícios físicos, como um ponto de encontro entre grupos, entre outras formas de uso.

Por se tratar de um espaço público e aberto, as praças urbanas permitem o acesso livre dos sujeitos, que se relacionam com este espaço seja individualmente ou em grupos.

Nesse contexto, a permanência e as formas de apropriação dos atores sociais se dão em escalas e níveis distintos, atendendo aos interesses diferenciados:

Na escala do individual e do cotidiano, pode-se observar a apropriação das praças como lugar de descanso, de fruição da natureza, do exercício do corpo, dos jogos, namoros e encontros. Este tipo de atividade decorre de uma leitura imediata das praças. Ainda na esfera do cotidiano, essas áreas caracterizam-se pelo movimento, pelo inesperado, pela possibilidade de surpresa e encontro. O fundamento deste potencial reside no fato de as praças, assim como as ruas, serem territórios de alteridade, ou, como diversos autores afirmam, como espaços por excelência de sociabilidade. Essa apropriação relaciona-se com a leitura das áreas pela população e ocorre, portanto, na medida da riqueza de seu conteúdo simbólico (BRASIL, 1993, p. 163-164).

Considerando a praça como um espaço com múltiplas funções e conteúdos simbólicos, marcada pela apropriação coletiva entre os sujeitos, o que pode então torná-la um lugar de memórias? Sendo a praça um espaço de uso coletivo, os sujeitos ao estabelecerem suas relações com estes lugares vão ao longo do tempo conferindo sentidos e constituindo lembranças do local. Por esse ângulo, Caldeira (2007) em um estudo sobre a origem e evolução das praças brasileiras aponta a relação entre o uso e apropriação desse espaço com a constituição da memória das cidades: “a integração entre morfologia, estética e apropriação é que permite a formação de praças, como espaços simbólicos, lugares de memória, alma da cidade” (CALDEIRA, 2007, p. 13).

Nesse contexto, as praças fazem parte da memória urbana. Para Abreu (1998) na contemporaneidade tem sido recorrente o interesse político e de alguns grupos sociais pela preservação dessa memória urbana. Dessa forma, surgem os espaços de memória na cidade (museus, acervos, bibliotecas, galerias, arquivos), e a valorização e revalorização desses lugares de memória.

Tratando da apropriação do espaço na Praça Universitária, foi possível notarmos durante algumas observações a presença significativa dos sujeitos dispostos em seu interior e no entorno de sua área realizando diferentes atividades. Nesse sentido, a Praça Universitária se mantém como importante lócus de trocas afetivas e sociais no espaço urbano de Goiânia. França e Pechincha (2015) constataam a diversidade dos grupos de sujeitos que se encontram e apropriam-se desse espaço cotidianamente:

De modo que a Praça, nos momentos em que se encontra mais cheia, fica permeada de diversas rodinhas, seja no gramado próximo ao Bar da Tia, nos bancos que estão espalhados por toda a extensão do lugar, no gramado acima dos bancos, ou mesmo na parte mais próxima da biblioteca. Na medida em que a Praça vai atingindo seu auge de público, as rodinhas vão crescendo. Nesse ponto, há certa homogeneidade entre os diversos grupos que ali frequentam: no início da tarde, é possível ver pessoas sozinhas sentadas nos bancos, ou no máximo com mais duas. Com o passar do tempo, outros sujeitos vão se agregando à roda (FRANÇA; PECHINCHA, 2015, p. 143-144).

Como construção histórica e social, a Praça Universitária tem se configurado como um espaço onde se estabelecem os diversos vínculos e relações sociais, e consequentemente, a partir da experiência individual e coletiva dos sujeitos que frequentam esse espaço que a tornam um lugar do encontro e de constituição de memórias.

O MONUMENTO ESCULTÓRICO: ENTENDENDO O CONCEITO

O monumento escultórico refere-se ao objeto construído socialmente que tem por objetivo marcar a memória de uma época. Krauss (1984) ao abordar a evolução da escultura e sua representatividade expressa que não é possível compreendermos o monumento escultórico sem considerar sua lógica espaço-temporal específica: “uma escultura é uma representação comemorativa — se situa em determinado local e fala de forma simbólica sobre o significado ou uso deste local” (KRAUSS, 1984, p. 131). Nessa perspectiva, a principal atribuição de um monumento é o de evocar lembranças de um determinado tempo e lugar. Esses objetos, geralmente, estão vinculados aos personagens e os fatos

dos espaços onde estão instalados: praças, canteiros de ruas e avenidas, prédios públicos e privados.

Considera-se também que os monumentos escultóricos são representações do imaginário urbano, pois estão relacionados aos conteúdos simbólicos de uma cidade. No campo da imaginação, evocam memórias e possibilitam constituir imagens de um determinado lugar. Nessa perspectiva, Freire (1997) compreende o monumento como um objeto que eterniza o tempo, ou seja, articula a ideia de permanência, do que está para ser lembrado: “O monumento, no sentido tradicional, remete ao ausente, a um fluxo de tempo passado que a peça, através de seus símbolos, pretende rememorar, eternizar” (FREIRE, 1997, p. 58). Assim, os monumentos são compreendidos como lugares de memória, pois, nutrem o imaginário urbano.

Passos (1993), em um estudo realizado sobre os monumentos urbanos da cidade de São Paulo, expressa que há uma relação indissociável entre o monumento escultórico e a própria fisionomia da paisagem urbana: “Depositários de significações reveladoras do imaginário social, os monumentos integram o equipamento urbano, assim como as árvores, as luminárias, a fição, os bancos dos jardins” (PASSOS, 1993, p. 72). A autora também ressalta que a função desses objetos vai além da finalidade de embelezar a cidade:

Variados, numerosos, grandes, pequenos, importantes, insignificantes ou simplesmente bonitos ou feios, os monumentos de São Paulo não são apenas obras de arte implantadas para embelezar a cidade. São antes vestígios materiais do momento histórico de sua produção e sucessivos consumos, que respondem ao padrão estético da época numa pluralidade de representações sociais (PASSOS, 1993, p. 72).

É preciso destacar também que a disposição dos monumentos escultóricos pela cidade além de personalizarem sua paisagem, tornam-se também importantes marcos referenciais que pontuam os espaços onde estão instalados, e em muitos casos estão diretamente associados à localização de determinados lugares no espaço urbano: “A disposição dos monumentos escultóricos instalados pela cidade, além de personalizarem o espaço, tornam-se também marcos referenciais” (PEIXOTO, 2004, p. 154).

Na contemporaneidade, porém, o monumento escultórico tem ganhado novos sentidos e significados, não sendo mais possível uma análise que considere somente a sua forma e escala, pois, observam-se novas funções atribuídas a esses objetos pelos atores sociais. Dessa forma, emerge nos dias atuais uma nova dinâmica nas relações entre os sujeitos e os monumentos da cidade, o que tem implicado em novas sensibilidades urbanas, como é o caso de algumas representações da Praça Universitária: mesmo possuindo um sentido e título de quem as esculpiu, ganham outras interpretações e significados pelos frequentadores do local.

PRAÇA UNIVERSITÁRIA: UMA PRAÇA-MUSEU

Quando construída pela prefeitura da cidade de Goiânia no ano de 1969, recebeu oficialmente o nome de Praça Honestino Guimarães², mas é conhecida popularmente por Praça Universitária. A atribuição do nome Praça Universitária deve-se tanto a sua localização (Figura 1), pois, seu entorno divide a Avenida Universitária entre a Universidade

Federal de Goiás (UFG) e a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), como também devido ao fato de que a maior parte do público frequentador do local se constitui por estudantes universitários.



Figura 1: Mapa de Localização da Praça Universitária
Fonte: Google Maps (2017).

O processo de consolidação espaço-temporal da Praça é marcado pela apropriação de vários grupos de sujeitos que se legitimam através de várias práticas de ocupação e uso desse espaço. Conforme apontam Êgea e Felício (2010), a Praça Universitária tornou-se um importante referencial para a cidade ao congregar diversas manifestações sociais, culturais, políticas, e artísticas:

A Praça Universitária desde a sua criação em 1969 vem servindo de palco a várias manifestações, dentre elas: culturais, políticas, estudantis, movimentos sociais e também territoriais. (...) Em alguns momentos vemos que a praça serviu como: ponto de encontro a diferentes tribos urbanas que a utilizavam para conversar, descontrair e prestigiarem shows; local de reunião àqueles que lutavam contra as imposições de uma época; abrigo para os sem-teto; diversão nos momentos culturais promovendo shows, festivais, eventos estudantis, espetáculos circenses, feiras semanais, etc.; lugar do medo, onde por um tempo foi apropriada por pessoas usuárias de drogas e por vezes foi palco de assassinatos; é local de encontro e descanso nos barzinhos, pit-dogs, gramados e banquinhos onde estudantes de colégios e universidades e até mesmo moradores próximos a ela frequentam (ÊGEA; FELÍCIO, 2010, p. 2).

Diante dessas considerações, podemos dimensionar o importante papel que a Praça Universitária tem exercido ao longo dos anos, se constituindo como um espaço onde se estabelecem estreitos vínculos sociais, representando um receptáculo de convivências por excelência. Dessa forma, compreendemos que o espaço da Praça Universitária na cidade de Goiânia, constitui-se como um lugar do encontro de memórias, e os atores sociais, através de suas vivências e relações com este espaço constituem a memória da cidade.

No que se refere ao entendimento sobre a memória urbana no contexto da modernidade, Abreu (1998) discorre sobre a crescente valorização dos espaços de memória na cidade, apresentando-se como um traço presente nos discursos contemporâneos. Dessa forma, muitos espaços da cidade pós-moderna ganham artefatos que valorizam ou os revalorizam, consolidando os conteúdos simbólicos. Podemos compreender melhor essa condição ao analisarmos, por exemplo, os próprios monumentos instalados na Praça Universitária (Figura 2).



Figura 2: Vista Lateral da Praça Universitária com esculturas ao fundo
Nota: Fotografia do autor (2015).

Acreditamos que esses objetos se inserem nesse contexto, pois, sua implantação possui como principal objetivo oferecer ao espaço da Praça Universitária um museu aberto³ aos frequentadores do local, integrando a morfologia do espaço com as diversas manifestações artísticas e culturais (esculturas e painéis artísticos). Essas representações além de personalizarem o espaço da Praça, tornam-na uma paisagem singular na cidade de Goiânia. De acordo com Pelá e Chaveiro (2011) esses monumentos constituem-se como um acervo único: “Com esculturas ao ar livre, que fazem parte do Projeto Memória em Praça Pública, a Praça Universitária se constitui um dos maiores Museus de Escultura ao Ar Livre da América Latina. É considerada a única no gênero pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM)” (PELÁ; CHAVEIRO, 2011, p. 6).

Tratando-se dos sentidos das representações escultóricas da Praça Universitária, Lobato (2010) afirma que essas esculturas são formas de comunicação visual que permitem a formação de identidades: “São signos da visualidade artística e cultural, pois contribuem na construção da identidade goiana, reforçando assim os valores da identidade local” (LOBATO, 2010, p. 6). Nesse sentido, a Praça Universitária configura-se como um espaço de múltiplas manifestações artísticas e culturais, consolidando identidades simbólicas de acordo com as relações entre os sujeitos e estas representações.

Além de integrar esteticamente paisagismo e arte, e se constituírem formas de comunicação visual, a exposição dessas peças permite o acesso democrático do público, tornando o espaço da Praça Universitária um museu a céu aberto que não possui paredes e horários para visitação, contando com uma exposição permanente e livre de suas obras.

ESCULTURA MODERNA E SENSIBILIDADES URBANAS

Os monumentos escultóricos na cidade contemporânea assumem um papel de expressão artística sem estarem vinculados, necessariamente, a referências socioculturais, pois perpassam a ideia de inércia e permitem ao expectador diversas interpretações. Outra consideração feita à escultura contemporânea trata-se do seu rompimento com o marcos que a situam no espaço e no tempo. Nesse sentido, Peixoto (2004) tece uma crítica pela falta dessas referências nas esculturas contemporâneas, afirmando que

Os marcos, erguidos com a função de nos conduzir o olhar, os passos e a memória, não significam mais nada. (...) Difíceis de interpretar porque opacos. Os objetos depositados formam uma massa informe, incompreensível. A estátua agora está em tensão – não demarcação com a cidade. Não por acaso escultores contemporâneos partiriam dessa impossibilidade. Incorporam essa questão a seus trabalhos: materiais em conflito, esculturas carentes de verticalidade e sustentação, deslocamento do lugar público para o interior (PEIXOTO, 2004, p. 155).

Freire (1997) também se referindo as representações monumentais contemporâneas aponta características que marcam seu rompimento com a escultura tradicional: a transitoriedade, a falta de evocação, o uso de materiais perecíveis e a mobilidade desses objetos. A autora também afirma que na cidade contemporânea a escultura não é evocativa e não busca expressar conteúdos exteriores à sua presença e materialidade: “a escultura contemporânea, por conseguinte, também não tem como lema fundante a eternidade” (FREIRE, 1997, p. 97).

Podemos perceber essa ausência de referências entre a escultura tradicional e a escultura moderna, apontadas tanto por Peixoto (2004) e Freire (1997), quando analisamos, por exemplo, os próprios objetos escultóricos que estão instalados ao redor da Praça Universitária e a relação com os atores sociais ali envolvidos. Fixados no chão e dispensado o uso de pedestais, as representações escultóricas da Praça permitem uma maior aproximação dos frequentadores, possibilitando inclusive um contato tátil. Compreenderemos melhor essa condição através de algumas impressões obtidas com os trabalhos em campo realizados no local e a partir da análise de alguns fragmentos das narrativas dos frequentadores apontados a seguir.

Notamos que as peças escultóricas dispostas na paisagem da Praça Universitária possuem formatos que representam figuras de formas variadas: animais, mulheres, seres mitológicos, objetos futurísticos, feições geométricas, entre outros. Os diversos sentidos dessas representações despertam a imaginação do expectador e provocam inúmeras interpretações para esses objetos.

Através das impressões do local durante os trabalhos em campo, instigou-nos buscar entender quais são os olhares que se relacionam com os monumentos escultóricos do local e quais sentidos emergem entre os sujeitos e essas representações: o que sentem e entendem os atores sociais ao estabelecerem contato com estes monumentos? Na tentativa de obter algumas respostas para esses questionamentos e entender a dinâmica dessas experiências, buscamos extrair através de algumas narrativas os acervos da memória individual e coletiva dos frequentadores que possibilitassem essa compreensão. Concordando com Freire (1997), através da análise desses discursos é possível construir e reconstruir histórias e articulá-las as representações do imaginário.

Metodologicamente, realizamos algumas entrevistas individualizadas e com grupos de frequentadores da Praça, num total de 10 sujeitos entrevistados, com o intuito de compreendermos a percepção desses sujeitos em relação ao espaço e os monumentos ali instalados. Devido à dimensão dos conteúdos extraídos através das entrevistas e a necessidade de uma abordagem mais sucinta para esse texto, não será possível apontarmos todos os depoimentos coletados, contudo, destacaremos aqui alguns fragmentos significativos para essa análise.

Encontramos na parte superior da Praça um objeto com bastante apreciação pelos frequentadores. A obra Gestante (figura 3) retrata uma figura feminina grávida acariciando o ventre. Algumas narrativas sugerem que essa representação trata-se de uma homenagem às mães. Essa atribuição simbólica da condição materna para a obra ficou evidenciada quando constatamos a seguinte ocorrência: tornou-se muito comum a presença de mulheres grávidas que posam para fotos ao lado da escultura. Dentre as narrativas, destacamos:

Interlocutora 3: Quando eu estava grávida do meu filho, eu fiz uma sessão de fotos aqui ao lado da gestante de pedra. Toda vez que venho na praça eu tenho essa lembrança. Aquela escultura provoca em mim um sentimento nostálgico, de alegria, e eu vivo de novo aquele momento bom da minha vida.

Interlocutor 4: Me parece que essa obra aqui foi feita em homenagem as mulheres e em homenagem as mães. Eu gosto de ver esse tipo de figura porque é uma forma de mostrar a importância da mulher na sociedade, da figura feminina na construção da sociedade. A mensagem que o artista quis transmitir é o da importância delas na geração de uma nova vida.

Descendo para a parte central da Praça, deparamos com outra representação frequentemente apontada por boa parte dos frequentadores. Trata-se da escultura intitulada Os Dedos de Deus (figura 4) que desperta curiosidade devido sua linguagem ser bastante peculiar. A peça emblemática causa um forte impacto visual chamando a atenção pela sua forma incomum ao transmitir a lógica do sagrado inversa: aqui os dedos do criador ao invés de surgirem dos céus numa benção divina, brotam da terra. Muitos transeuntes atribuem à peça uma interpretação que a associa com uma figura profana, referindo-se a obra como uma demonstração diabólica. Outros, porém, vinculam-na ao criador divino.

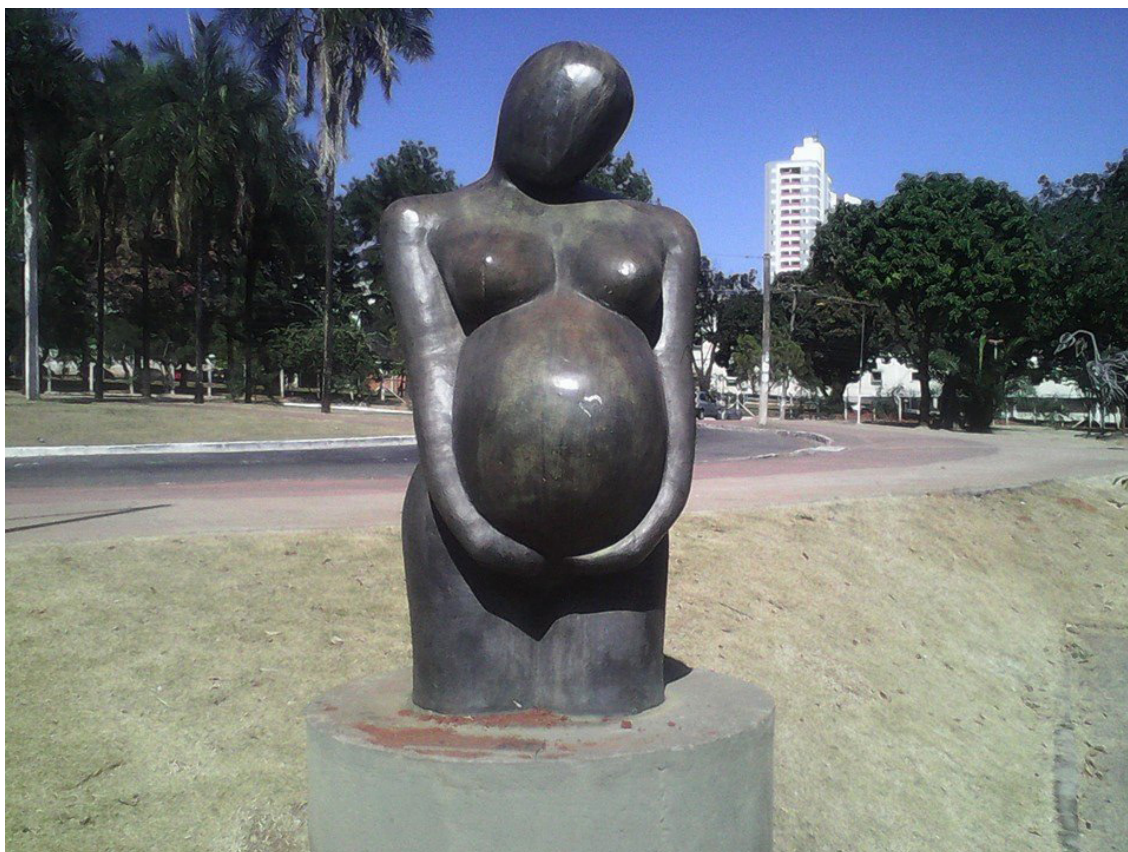


Figura 3: Gestante - Autora: Leila Leal.
Nota: Fotografia do autor (2014).

Interlocutor 1: Quando eu venho aqui eu sempre olho aqueles dedos saindo da terra. Eu levei um susto da primeira vez que eu vi, me pareceu uma coisa macabra, assustadora. Onde já se viu uma mão sair da terra? Agora eu já acho até normal, até gosto dela. Eu acredito que Deus está segurando o mundo na palma da mão dele. É uma bênção dele!



Figura 4: Os Dedos de Deus - Autoria: Hélio Miranda
Nota: Fotografia do autor (2014).

Interlocutor 2: Eu gosto daquela dos dedos. Eu fico imaginando o que o cara pensou quando ele a fez, sei lá! Parece ser alguém saindo debaixo da terra. Eu fico imaginando porque ele teve essa ideia. E o mais interessante também é a pedra, o material forjado, né? É algo até pessoal do artista, porque valorizou o trabalho dele quando expôs a obra aqui.

Com essas narrativas verificamos que as representações ganham outros significados que vão além daqueles expressados pelo autor da obra, evidenciando a manifestação de novas sensibilidades urbanas através do contato com essas esculturas. Dessa forma, a atribuição dos vários sentidos aos monumentos dá-se a partir da experiência individual e coletiva dos sujeitos com esses artefatos e o espaço que estes ocupam, sendo diversas as possíveis interpretações e leituras desses objetos. Freire (1997) aponta que o contato com os monumentos do espaço urbano é marcado por uma multiplicidade de olhares que conferem as peças escultóricas e aos lugares vários símbolos:

Os monumentos, como lugares de diferenciação, podem, talvez possibilitar o resgate de conteúdos simbólicos, através deles é, às vezes, possível encontrar o impalpável, o invisível no cotidiano e resgatar lendas ao preservar histórias, redimindo-as do banal dos cenários urbanos (FREIRE, 1997, p. 123).

Considerando os monumentos como lugares de diferenciação, como é apontado por Freire (1997) na citação anterior e, ao analisarmos as narrativas de alguns frequentadores do local, constatamos que as esculturas da Praça Universitária são importantes referenciais de sua paisagem através de sua afetividade e proximidade, função estética, cunho religioso, entre outros aspectos identificados pelos atores sociais. A obra “Os dedos de Deus”, por exemplo, diz respeito ao imaginário coletivo que a associa com um símbolo religioso, sendo considerada como um ícone sagrado por alguns sujeitos, ou demonizada por outros. Da pedra esculpida em forma de uma gestante para a figura de dedos saindo do chão, essas representações assumem um papel de expressão imaginativa, despertando no espaço novas sensibilidades urbanas.

Na cidade contemporânea onde o cotidiano é marcado pela crescente transformação do espaço urbano, o resgate de conteúdos que ultrapassam a profusão de imagens banais que formam a materialidade de uma paisagem saturada, ultrapassando-a e fixando como um lugar de memória, no sentido de que fala Abreu (1998), torna-se somente possível através das experiências sensoriais e cognitivas dos sujeitos com os espaços urbanos. Os monumentos escultóricos da Praça Universitária assumem, nesse sentido, o papel de receptáculos de memória, possibilitando a partir dos sentidos conferidos pelos sujeitos a evocação de lembranças e conteúdos simbólicos na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, a Praça Universitária tem representado um importante espaço de uso coletivo para os sujeitos que são atraídos pela sua estrutura e as diversas manifestações socioculturais que ali se manifestam. Com a implantação do Museu de Esculturas ao ar Livre no ano 2000, nota-se que a dinâmica da Praça passa a vivenciar uma (re)valorização simbólica, cultural, social e estética em sua paisagem, permitindo novas experiências

sensoriais e cognitivas dos frequentadores através do contato com essas representações, reafirmando a Praça Universitária como um espaço de memórias.

Emerge na cidade de Goiânia novas dinâmicas nas relações entre os sujeitos e os espaços e monumentos da cidade - o que tem implicado em novas sensibilidades e experiências urbanas-, como é o caso de algumas representações da Praça Universitária: mesmo possuindo um sentido e título de quem as esculpiu, ganham outras interpretações e significados pelos seus frequentadores.

A Praça ao abrigar uma multiplicidade de formatos e estilos em suas representações escultóricas possibilita o resgate de conteúdos simbólicos, tornando-se abrigo das memórias dos sujeitos que ali frequentam. Para além de uma ruptura no traçado urbano da cidade de Goiânia, que é fortemente marcada pela verticalidade, a Praça Universitária tem se colocado como um espaço aberto, permitindo o encontro, a permanência, a troca de saberes e o contato com a arte e a cultura na cidade. Nessa ótica, Pelá e Chaveiro (2011) afirmam que com essas múltiplas funções, o mundo se manifesta ali. São, portanto, intensas as relações entre os diversos sujeitos que cotidianamente dão vida ao lugar. Afinal, que encanto teria observá-la se estivesse completamente vazia, carente dos sujeitos e das representações escultóricas? Sem dúvidas, a Praça Universitária não seria a mesma.

Notas

- 1 Os trabalhos de campo empreendidos no espaço da Praça Universitária foram realizados entre os meses de Agosto e Setembro de 2016 no âmbito da pesquisa intitulada “*A praça imaginária: representações monumentais e uso do espaço na Praça Universitária em Goiânia-Goiás*”. As visitas foram feitas, majoritariamente, durante os dias úteis da semana e em dois períodos de grande concentração de público no local (no final da manhã e início da tarde e ao final da tarde).
- 2 O nome da Praça homenageia o líder estudantil goiano que foi preso e torturado durante o período da Ditadura Militar no Brasil.
- 3 O conjunto destas esculturas integra o acervo do Museu de Escultura ao Ar Livre do Projeto Memória em Praça Pública, implantado no ano de 2000. O trabalho foi idealizado por Maria Célia Câmara com a proposta de criação e acesso livre a obras de arte de vários tipos de materiais produzidos por diversos artistas.

Referências

- ABREU, Maurício de Almeida. *Sobre a Memória das Cidades*. Porto Alegre: Revista Território, n. 4, p. 6-26, 1998.
- BRASIL, Flavia de Paula Duque. *Apropriação das Praças como Espaço de Lazer, Cultura e Cidadania*. In: Anais do V Encontro Nacional da ANPUR – Encruzilhadas das Modernidades e planejamento. Belo Horizonte: V Encontro Nacional da ANPUR, 1993, p. 160-179.
- CALDEIRA, Junia Marques. *A Praça Brasileira: trajetória de espaço urbano – origem e modernidade*. Tese (Doutorado) - Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007.
- ÊGEA, Alessandra Pereira; CHAVEIRO, Eguimar Felício. *Um Olhar Geográfico sobre a Praça Universitária em Goiânia-GO: História, Processos e Múltiplas Territorialidades*. In: Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos: Porto Alegre, 2010, p. 1-10.
- FRANÇA, Matheus; PECHINCHA, Mônica Thereza Soares. *Entre Lazer, Sociabilidades e Insegurança: Interpretações sobre a Praça Universitária, em Goiânia/GO*. Revista Iluminuras, Porto Alegre, n. 37, p.137-155, 2015.
- FREIRE, Cristina. *Além dos mapas - Os Monumentos no Imaginário Urbano Contemporâneo*. São Paulo:

ANABLUME/SESC/FAPESP, 1997.

KRAUSS, Rosalind. *A Escultura No Campo Ampliado*. Revista do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil, Rio de Janeiro, p.128-137, reedição, 1984.

LOBATO, Iolene Mesquita. *Praça Universitária: Espaço de Sociabilidade e Integração Social*. In: X Encontro Nacional de História Oral: Recife, 2010, p. 1-11.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens Urbanas*. São Paulo: SENAC, 2004.

PASSOS, Maria Lúcia Perrone. Monumentos Urbanos em São Paulo. Cadernos de História de São Paulo- A cidade e a Rua. São Paulo, 1993. p. 72-79.

PELÁ, Márcia Cristina Hizim; CHAVEIRO, Eguimar Felício. *Uma interpretação Socioespacial: Praça Universitária Goiânia-Goiás-Brasil*. In: Observatório Geográfico América Latina- XII Encontro de Geógrafos da América Latina: San José, 2011. p. 1-13.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *Capitalismo e Urbanização*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

* Recebido em: 06.11.2016. Aprovado em: 27.03.2017. O presente artigo constitui-se em parte dos resultados oriundos da monografia *A praça imaginária: representações monumentais e uso do espaço na Praça Universitária em Goiânia-Goiás*, defendida em 2016 ao Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, sob a orientação da Profa. Dra. Valéria Cristina Pereira da Silva

RAFAEL CAIQUE DA SILVA SANTOS ARANTES

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, campus Goiânia, graduando do curso de Jornalismo pela mesma instituição. *E-mail*: rafaelcaiquearantes@gmail.com